

CRÍTICA AO DÉCIMO PRIMEIRO CAPÍTULO DA “CRÍTICA DA RAZÃO CIENTÍFICA” DE KURT HUEBNER

Márcio Chaves-Tannús*

PREFÁCIO

O presente trabalho é a versão, ligeiramente modificada, em língua portuguesa, de um original alemão redigido em meados de 1979. O texto original contou com a colaboração, e a crítica de *Ulf Wolfgramm*, então meu colega no Curso de Filosofia da *Freie Universitaet-Berlin*.

O artigo é uma abordagem crítica à obra de *Kurt Hübner* intitulada *Kritik der wissenschaftlichen Vernunft*¹ (*Crítica da razão científica*). Mais precisamente, ao décimo primeiro capítulo desta obra, por sua vez intitulado *Kritik am Wahrheitsbegriff in der Popperschen Philosophie und der Wahrheitsbegriff der historistischen Theorie der empirischen wissenschaften* (*Crítica ao conceito de verdade na filosofia de Popper e o conceito de verdade da teoria historicista das ciências empíricas*).

Neste capítulo, de significado central para a obra, o autor, inicialmente, critica a versão popperiana da teoria da verdade de *Tarski*. A seguir, ele contrapõe sua própria concepção da verdade à de *Popper*.

Estabelecer critérios, destinados a permitir uma avaliação da crítica de *Hübner*², é o primeiro passo dado neste trabalho. O resultado da avaliação revela-se interessante: se a crítica é correta, no que diz respeito a seu conteúdo, ela, porém não o é do ponto de vista lógico.

* Professor do Departamento de Filosofia da UFU

1. Obra traduzida para o espanhol por *Ernesto Garzón Valdéz* e publicada pela *Editorial Alfa* de *Barcelona* em 1981, sob o título *Crítica de la razón científica*.

2. Crítica cujo conteúdo resumido reproduzo, a seguir, utilizando-me, para tanto, das palavras do próprio autor:

Es ist sonderbar, das *Popper* und seine Anhaenger ernsthaft glauben koennen, rein logische Analysen und Definitionen, (. . .), koennten den 'metaphysischen Realismus' stuetzen. (. . .).

So laesst sich leicht einsehen, dass ihre exakten Definitionen auch mit anderen Erkenntnistheorien (. . .) vereinbar sind." (*Huebner* (78): p. 275).

"É estranho que *Popper* e seus seguidores possam acreditar seriamente que análises e definições puramente lógicas, (. . .), possam corroborar o 'realismo metafísico'. (. . .).

Assim, é fácil perceber que suas exatas definições são compatíveis, também, com outras teorias do conhecimento. . ."

O posterior exame da concepção de *Huebner*, por outro lado, traz à luz as indesejadas conseqüências, para o conjunto de sua teoria, advindas dos erros lógicos cometidos pelo autor.

1. DOIS CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DE UMA CRÍTICA

1.1. O Primeiro Critério

Do crítico espera-se que ele tenha entendido corretamente³ o objeto a ser criticado.

1.2. O Segundo Critério

Quando o objeto da crítica foi entendido corretamente, então espera-se, ainda, que a crítica não o falseie.

2. A CRÍTICA DE HUEBNER A POPPER

Admirável na crítica de *Huebner* não é o seu acerto, mas o fato de ser correta apesar das exposições que a precedem.

Huebner descreve, de início, a versão poperiana da teoria da verdade de *Tarski*. Entender, *Huebner* provavelmente não entendeu nem *Popper*, nem *Tarski*. Falsificar, ele falsificou, através de sua exposição, tanto um, como o outro.

Esclarecendo a versão poperiana da condição de verdade *Huebner* escreve:

" 'P' bedeutet hierbei einen sprachlichen Ausdruck, 'p' die korrespondierende Tatsache." ⁴

" 'P' significa aqui uma expressão da língua, 'p', o fato correspondente."

Em contrapartida, a explicação de *Popper* reza:

"... wobei Grossbuchstaben wie 'P' Variablen fuer die metasprachlichen Namen der objektsprachlichen tatsachenbeschreibenden Aussagen sind, deren metasprachlichen Uebersetzungen mit dem entsprechenden Kleinbuchstaben wie 'p' bezeichnet werden." ⁵

3. A exigência de correção do entendimento não exclui a possibilidade da existência de mais de uma interpretação, diversas entre si, porém plausíveis, de um único texto, ou parte dele.

4. *Huebner* (78): p. 273.

5. *Popper* (74): p. 354.

"... letras maiúsculas, como 'P', são variáveis para os nomes metalinguísticos das proposições da língua objeto que descrevem fatos. As traduções metalinguísticas, destas proposições, são designadas pelas correspondentes letras minúsculas, como 'p'".

Que *Huebner* reproduziu *Popper* erroneamente, está fora de dúvida. A formulação correspondente de *Tarski* reza:

"... (wobei 'p' durch eine Aussage der Sprache, auf die sich das Wort 'wahr' bezieht, ersetzt wird und 'X' durch den Namen dieser Aussage)." ⁶

"... (onde 'p' é substituído por uma proposição da língua a que se refere a palavra 'verdadeiro', e 'X' pelo nome desta proposição)".

Como, primeiro: "X" para *Tarski* equivale a "P" para *Popper*, segundo: a expressão "língua a que se refere a palavra 'verdadeiro'" significa o mesmo que "língua objeto", e, terceiro: proposições que deverão substituir "p" precisam antes ser traduzidas para a metalingua⁷, então é fácil atestar a correção da interpretação de *Popper*. Basta substituirmos, seguindo as indicações supra, para extrairmos da formulação de *Tarski* um enunciado equivalente ao de *Popper*:

... onde "p" é substituído pela tradução, na metalingua, de uma proposição da língua objeto, e "P" pelo nome desta proposição.⁸

3. CRÍTICA AO CONCEITO DE VERDADE DA "TEORIA HISTORÍSTICA DA CIÊNCIA" DE HUEBNER

Quando se trata de defender sua própria teoria, *Huebner* argumenta de maneira estranha.

Citando:

"Die historistische Wissenschaftstheorie ... behauptet eine logische Wahrheit, die von der Art eines Wenn-Dann-Satzes ist. Man koennte ihr die Kurzfassung geben ... : Wenn es eine empirische Wissenschaft gibt, dann betrachtet sie die Geschichte ausdrecklich oder unausdrecklich als eine Geschichte sich selbst bewegender Systemmengen. Diese logische wahrheit ist als solche immer gueltig, also nicht selbst geschichtlich ... " ⁹

6. Tarski (77): p. 145.

7. Cf.: StegmueLLer (68): p. 44.

8. Cf.: StegmueLLer (68): p. 3: "... fuer 'X' ist der Name eines Satzes der Objektsprache und fuer 'p' die Uebersetzung dieses Satzes in die Metasprache einzusetzen. ... ("... 'X' deverá ser substituído pelo nome de uma frase da língua-objeto, e 'p' pela tradução desta frase na metalingua.")

9. Huebner (78): p. 284.

"A teoria histórica da ciência afirma uma verdade lógica que é do tipo de uma frase se-então. Poder-se-ia dar-lhe a redação abreviada. . . : se há uma ciência empírica, então ela encara a história, expressa ou tacitamente, como uma história de conjuntos de sistemas que se automovimentam. Esta verdade lógica é enquanto tal sempre válida, portanto, ela mesma não histórica. . ."

Através de uma verdade absoluta – denominada lógica – *Huebner* tenta colocar em segurança sua teoria. Contudo, é fácil demonstrar que a condicional¹⁰, em causa, não é uma verdade lógica.

Da lógica sabemos que uma proposição molecular (composta) é logicamente verdadeira, se e somente se, ela é, para toda atribuição de valores, verdadeira, isto é, independente dos valores de verdade de seus membros¹¹. Para uma condicional são possíveis três casos:

- (1) Ela tem a forma: $(P \rightarrow P)$, ou seja: (se P, então P).
- (2) A antecedente é logicamente falsa. Por exemplo: $(P \wedge \neg P) \rightarrow Q$, ou seja: se (P e não P), então Q.
- (3) A conseqüente é logicamente verdadeira. Por exemplo: $P \rightarrow (Q \vee \neg Q)$, ou seja: se P, então (Q ou não Q).

O primeiro caso poderia apenas ocorrer, se a condicional de *Huebner* rezasse:

- (i) Se existe uma ciência empírica, então existe uma ciência empírica.
ou:
- (ii) Se uma ciência empírica encara a história, expressa ou tacitamente, como uma história de conjuntos de sistemas que se automovimentam, então uma ciência empírica encara a história, expressa ou tacitamente, como uma história de conjuntos de sistemas que automovimentam.

O segundo caso ocorreria apenas, se a antecedente da condicional de *Huebner* fosse logicamente falsa. Ou seja, se não houvesse a possibilidade da existência de uma atribuição de valores que a tornasse verdadeira. Tal atribuição, porém, existe. Basta, para tanto, supor, como *Huebner*, a existência da ciência empírica.

A inexistência, de fato, da ciência empírica transformaria a condicional de *Huebner* não em uma verdade lógica, mas em uma verdade de fato, embora absurda. Porque, então, cessaria de existir o objeto cuja existência, uma vez admitida, empresta sentido à condicional de *Huebner*.

10. Proposição do tipo se-então.

11. Para o conceito de verdade lógica, Cf.: Stegmüller (74): pp. 4, 39 e 48s.

O terceiro caso, também, não pode ocorrer, pois existe a atribuição que atribui à consequente o valor "falso". É a suposição de que não é verdade que uma ciência empírica encara a história, expressa ou tacitamente, como uma história de conjuntos de sistemas que se automovimentam.

A suposição supra é tecnicamente, de um ponto de vista estritamente lógico, tão correta quanto a de *Huebner*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUEBNER, K. (78): **Kritik der wissenschaftlichen Vernunft**, Karl Alber, Freiburg-Muenchen, 1978.

POPPER, K. R. (74): **Objektive Erkenntnis**, Hoffmann und Campe, Hamburg, 1974.

STEGMUELLER, W. (68): **Das Wahrheitsproblem und die Idee der Semantik**, Springer, Wien, 1968.

STEGMUELLER, W. (74): Das ABC der modernen Logik und Semantik, in: **Probleme und Resultate der Wissenschaftstheorie und Analytischen Philosophie**, Band I, Springer, Berlin-Heidelberg, 1974.

TARSKI, A. (77): Die semantische Konzeption der Wahrheit und die Grundlagen der Semantik, in: Skirbekk, G. (Hrsg.): **Wahrheitstheorien**, Suhrkamp, Frankfurt, 1977.